



## **ANAIS DO III SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO: Os desafios de um contexto em retrocesso**

### **O DESENVOLVIMENTO DOS ESTÁGIOS NOS CURSOS DE ADMINISTRAÇÃO, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E SERVIÇO SOCIAL DO CAMPUS DA UNESPAR/PARANAVAÍ/PR**

Piedra dos Santos Roza (Discente) – piedradossantos@hotmail.com  
Givaldo Alves da Silva (Orientador) - givaldo33@yahoo.com.br  
Unespar/Paranavaí

**Resumo:** Dentro do processo de combinação de reestruturação produtiva do capital com políticas neoliberais que levam à redução dos custos de produção, no Brasil □ em função de uma legislação permissiva □, o estágio tem se tornado um meio recorrente de exploração da força-de-trabalho de jovens estudantes. No intento de compreender essa realidade nos cursos da área das Ciências Sociais Aplicadas da Unespar/Campus Paranavaí, foi feita uma investigação junto a uma parcela dos jovens que desenvolve estágio remunerado. Para tanto, os estagiários responderam a um questionário elaborado e disponibilizado na plataforma *Google Forms*. Dentre os resultados obtidos, alguns dados chamam a atenção: Somente 40,6% dos respondentes entendem que suas atividades de estágio correspondem ao que é aprendido em sala de aula, 62,3% interpretam que a função de estagiário, na prática, não difere daquela que é exercida por empregados e 49,3% dos estudantes não estão contentes com a condição de estagiário.

**Palavras-chave:** Trabalho, estágio, precarização.

#### **Introdução.**

A partir da década de 70, os países do capitalismo central no ocidente passaram a adequar suas indústrias aos padrões que vieram substituir, mesclar e/ou alterar o padrão taylorista/fordista, o que caracterizou um novo complexo de reestruturação produtiva.

Conforme Alves, o referido complexo deve ser entendido como “resultado sócio histórico da luta de classes” (ALVES, 2000, p. 18) e percebido como “ofensiva do capital na produção, que busca constituir um novo patamar de acumulação capitalista em escala planetária e tende a debilitar o mundo do trabalho, promovendo alterações importantes na forma de ser (subjetividade) da classe dos trabalhadores assalariados” (ALVES, 2000, p. 16).



## **ANAIS DO III SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO:**

**Os desafios de um contexto em retrocesso**

Dias (2010) esclarece que as mutações oriundas do processo de mudança no modo de produção capitalista atingiram toda a classe trabalhadora, tendo em vista o acirramento da diversidade de trabalho e de suas formas de contratação.

Portanto, com as novas formas de contratação e precarização adotados pelo capital, no Brasil, as empresas encontram na legislação do estágio uma das saídas para suprir sua necessidade de força-de-trabalho e conseqüentemente precarizar o trabalho de jovens estudantes.

O presente estudo demonstra, sob a ótica do estagiário, como este processo ocorre nos estágios remunerados dos cursos da área das Ciências Sociais Aplicadas da UNESPAR/Campus de Paranavaí.

### **Materiais e métodos**

A investigação consiste em dois momentos: Em primeiro lugar uma pesquisa bibliográfica e documental norteou a elaboração dos dados que foram levantados posteriormente juntos aos estagiários. No segundo momento foi aplicado um questionário aos alunos dos cursos de Administração, Ciências Contábeis e Serviço Social que fazem estágio remunerado.

O questionário foi incluído na plataforma *Google Forms* e, em datas determinadas, os estagiários foram encaminhados ao laboratório de informática a fim de responderem às questões propostas.

A fim de garantir que os alunos pudessem responder às questões livremente, os questionários não contavam com campo de identificação nominal e, durante o processo de orientação também foram informados que suas identidades seriam poupadas.

No total, 68 estagiário(a)s responderam ao questionário que possuía um total de 34 questões entre abertas e fechadas.

De posse dos dados passou-se para a fase da tabulação e análise dos dados a fim de compor os resultados que, em parte serão demonstrados abaixo.

### **Resultados e Discussão**



## **ANAIS DO III SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO:**

**Os desafios de um contexto em retrocesso**

Dentre os dados levantados, a investigação permitiu observar que 83,8% dos jovens estagiários estão na faixa dos 18 aos 23 anos, mas há também uma certa percentagem de pessoas adultas, 7,3%, na faixa entre 29 e 37 anos.

Com relação ao sexo, 76,8% são do sexo feminino e 23,2%, masculino. 85,5% estão solteiros e o restante 14,5% estão casados ou vivem em regime de união estável. A maioria, 44,9% faz o curso de Ciências Contábeis, 39,1% Administração e 15,9% cursam Serviço Social.

Um dado bastante relevante para compreender a realidade dos estagiários é a renda, dentre os respondentes, 44,9% tem renda familiar de até 2 salários mínimos, enquanto que para 43,5% a renda fica entre 2 e 5 salários mínimos. Ou seja, 88,4% dos respondentes têm renda familiar de até 5 salários mínimos.

A renda familiar demonstra, portanto, que para a quase totalidade dos estagiários entrevistados, fazer estágio não é uma opção, mas sim uma necessidade para complementar a renda familiar ou mesmo manter-se na faculdade.

Neste sentido, quando foram perguntados se “dependem da bolsa para se manter”, 76,8% afirmaram que sim, e mais 59,4% revelaram que ajudam financeiramente suas famílias com o que recebem da bolsa auxílio.

Com relação aos estágios, quando foram questionados acerca da razão que os levou a concorrer a uma vaga de estágio, somente 39,1% respondeu que o motivo é o complemento da formação escolar, os demais fizeram a opção ou porque não encontraram emprego (26,1%), ou por que a carga horária do estágio permite que eles continuem estudando (29%), quanto aos demais 5,8% optaram pelo estágio por entenderem que a remuneração do estágio é maior que no trabalho formal.

Embora do ponto de vista legal o estágio seja entendido como uma forma de complementação do ensino recebido na academia, 20,3% dos respondentes afirmaram que precisaram comprovar experiência para serem admitidos nos estágios que fazem.



## **ANAIS DO III SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO:**

**Os desafios de um contexto em retrocesso**

A pesquisa revela ainda que somente 34,8% tiveram suas expectativas atendidas em relação ao estágio, contra 65,2% que responderam que a atividade está aquém de suas expectativas.

Quando a pergunta foi “você vê alguma diferença entre estágio e emprego?” A maioria respondeu que sim, 85,5%, contra 14,5% que respondeu que não, que não há diferença. Entretanto, quando se verifica as justificativas dadas a essa resposta percebe-se apesar de 59 pessoas responderem que há diferença, em 30 casos as únicas diferenças mencionadas se referem a remuneração, aos direitos e ao reconhecimento dos trabalhadores. As respostas permitem inferir, portanto, que 40 pessoas de um total de 68 não entendem que as exigências de trabalho no estágio sejam diferentes das que estão relacionadas com o emprego.

Na sequência, o questionário fazia uma pergunta ainda mais direta no sentido de entender se, do ponto de vista dos jovens há alguma diferença entre a sua condição de estagiário em relação à de um empregado. A pergunta foi: “O trabalho que você executa como estagiário(a) é diferente do que é feito por um funcionário? E as respostas foram 62,3%, não; 20,3% às vezes e somente 7,3% dos respondentes veem diferença efetiva entre as duas categorias.

Outro dado que chama bastante a atenção é o fato de somente 40,6% dos estagiários entenderem que suas atividades no estágio estão relacionadas com o conteúdo que aprendem na universidade. Os demais, 46,4%, respondem que às vezes existe relação enquanto que 13% dizem que não há nenhuma relação entre o que se estuda e o que se faz no estágio.

Situações como essas indicam que, de acordo com a lei de estágio e uma vez confirmadas as situações declaradas pelos estagiários, não há de fato relação de estágio e sim, trabalho precário e ilegal, de acordo com a legislação trabalhista brasileira.

### **Considerações finais**

Diante de tantas outras questões sociais, inclusive do alto índice de desemprego que assola o trabalhador brasileiro, a questão do estágio fica praticamente



## **ANAIS DO III SEMINÁRIO SOBRE GÊNERO:**

**Os desafios de um contexto em retrocesso**

invisível, até mesmo aos olhos das universidades que têm por vocação observar e analisar a sociedade. A precarização do trabalho do estagiário que é um lugar comum na escassa literatura que se tem sobre o tema, sob formas específicas se manifesta também no Noroeste do Paraná, entre os alunos dos cursos que foram estudados. Conforme foi apontado, quase 50% dos jovens estão insatisfeitos com seus estágios, mas são invisíveis. Aliás, a invisibilidade do jovem estagiário é, de certo, uma questão candente que merece ser investigada e compreendida.

### **Referências**

ALVES, G. **O novo (e precário) mundo do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2000.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez/Unicamp, 1995.

DIAS, Marly de Jesus Sá. **Feminização do trabalho no contexto da reestruturação produtiva**: rebatimentos da Saúde Pública. – São Luís, 2010. Coleção CCSO. Teses e Dissertações. EDUFMA.